

## **AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM EM TEMPO PANDÊMICO: UM ESTUDO DE EXPERIÊNCIA, FORMAÇÃO E APRENDIZAGENS NARRATIVAS COM PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE CORDEIROS**

*Daniela Gomes de Oliveira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Marilete Calegari Cardoso*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** Buscar o sentido que a própria avaliação detém, demanda perguntar não apenas como fazê-la, mas, também, refletir sobre o para quê e o porquê dela. O presente trabalho surgiu a partir da pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, com o objetivo de compreender os sentidos produzidos pelas docentes, a partir de um ateliê virtual inspirado nas “narrativas experipoiéticas” (CARDOSO, 2018) escritas e/ou orais, acerca das práticas avaliativas, realizadas frente ao tempo de pandemia Covid 19, no município de Cordeiros. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de estudo de caso, que será realizada numa determinada escola da rede pública do município de Cordeiros /BA, com a participação de seis professoras. O objetivo deste trabalho é versar sobre a necessidade de uma discussão acerca da avaliação de aprendizagem para o ensino remoto, bem como dar visibilidade ao espaço de formação Ateliê virtual experipoiético – trazendo para discussão as “ressonâncias sensíveis compartilhadas”(CARDOSO,2018), como uma forma de aprendizagens narrativas, e como possibilidade de um terceiro espaço de experiência e formação - um trabalho de parceria escola - universidade, mediado por uma concepção orgânica e estética de formação.

**Palavras-chave:** Avaliação da aprendizagem. Ateliê formativo; Aprendizagens narrativas.

### **Introdução**

A Educação mundial, em 2020, em decorrência de casos do novo coronavírus (Sars-CoV-2), passou e vem passando por desafio de mudar o ensino presencial para o ensino remoto, em todos os níveis e modalidades, estados, municípios e federação. No Brasil, com a entrada do vírus em 11 de março de 2020, a declaração do estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), decreta que sejam tomadas as medidas da suspensão de atividades educacionais em território nacional. Um decreto necessário, “por emergência, carregados de medos e insegurança, escancarando as fragilidades da vida humana e das estruturas sociais, políticas e econômicas que têm marcado nas últimas décadas a nossa



pretensa **normalidade**<sup>1</sup>” (SANTOS; CARDOSO, 2021, p. 1). É nesse cenário do novo normal e clima finitude que a Educação vem sendo desafiada a se fazer presente como instituição, justificando para um mundo que deveria ficar em casa, por que precisamos de escola (SANTOS, CARDOSO, 2021).

Porém, já se passou um ano e a crise do Covid 19 não passou, e a cada novo dia a situação vai ficando mais complexa. No Brasil, hoje, temos que enfrentar as crises do negacionismo do presidente, que se refere à pandemia como uma histeria, mesmo diante de mais de 284.775 mil óbitos e mais de 11,5 milhões<sup>2</sup> de brasileiros contaminados. Com esse caos, podemos dizer que estamos vivendo próximos dos “campos da morte”, de acordo com Achille Mbembe (2018), ao se referir a metáfora central para a violência soberana e destrutiva, e, como o último sinal do poder absoluto do negativo. Para o autor são “as formas contemporâneas que sugam a vida ao poder da morte (...) nas topografias recalçadas de crueldade” (MBEMBE, 2018, p.71). Da forma como o governo federal vem tratando da pandemia no nosso país, a “morte tem chance de chegar primeiro que a informação, o computador ou o ensino a distância” (SANTOS, CARDOSO, 2021, p. 2).

Além dos desafios da luta pela vida, escolas e famílias que não raro ainda resistiam às tecnologias, haja vista proibições como uso de celulares ou consultas às páginas de internet durante aulas, passaram a lançar mão rapidamente de plataformas e conteúdos digitais para professores e estudantes, da educação básica ao ensino superior.

[...] *live*, tele trabalho, trabalho remoto, aula *online*, *meet*, *zoom* etc, aula síncrona, encontro assíncrono, dentre tantas. O computador (ou *note*, ou celular) tornou-se uma extensão do corpo e o acesso à internet, imprescindível. Arrancados do emparedamento marcado por entre os muros da escola, fomos empurrados para o século XXI e suas tecnologias sem muitos questionamentos (SANTOS, CARDOSO, 2021, p.2).

O ensino remoto passou ser regulamentado como continuidade da implementação do calendário escolar de 2020-2021, com a desobrigação do cumprimento dos 200 dias letivos, com a Medida Provisória 934/2020 do Governo Federal; e autorização do ensino por meio de atividades remotas, com a Portaria nº 343/2020 do Ministério da Educação (MEC); e, com o cômputo dessa carga horária nas 800 horas, através do Parecer 05/2020 do Conselho Nacional de Educação; o ensino remoto pode ser colocado em prática pelos sistemas e organizações educacionais para que desenvolvam planos.

<sup>1</sup> Grifos das Autoras

<sup>2</sup> Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Consultado em 18 de março de 2021.



Mesmo com este cenário de desafios, compreendemos que não há condições das escolas reabrirem suas portas, antes da grande parte da população receber as duas doses das vacinas<sup>3</sup>. Assim, entendemos a necessidade da continuidade do ensino remoto, e corroboramos com as falas de Ferraz; Ferreira; Ferraz (2021, p. 04), “ser a excepcionalidade do momento, mas também que a escola não pode ser transportada para o mundo virtual (não presencial), como se isso fosse possível e deveríamos fazer”. Lembramos que o ensino remoto são “práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas como o Teams (Microsoft), Google Classroom, Google Meet, Zoom [...]” (ALVES, 2020, p. 352). Mas, será que nossos professores da educação básicas estão sabendo fazer uso para planejar suas atividades avaliativas com as interfaces que estão disponíveis nas diversas plataformas?

Nossa compreensão para educação remota é que a forma de ensinar precisa ser adequada às singularidades de cada contexto educacional, bem como, os procedimentos avaliativos, precisam estar voltados à compreensão dos processos de apropriação e construção de saberes. Buscar o sentido que a própria avaliação detém, demanda perguntar não apenas como fazê-la, mas, também, refletir sobre o para quê e o porquê dela.

Entendemos que esse tempo e conhecimento maior que demanda a avaliação da aprendizagem em tempo pandêmico, não deve ser considerado como um obstáculo no processo educativo, mas como uma potencialidade, pois visa atender as necessidades formativas de sujeito aprendente. Isso porque a avaliação da aprendizagem é um dos eixos da ação didática, subdivide-se em somativa, formativa e diagnóstica e possibilita o redirecionamento de estratégias de ensino e rotas de aprendizagem, quando assentada na concepção mediadora (LUCKESI, 2011; HOFFMAN, 2009; DEMO, 2018). Potencialidades que deveriam ser estendidas a todos os níveis de ensino. Nesse sentido, a observação, o registro e a reflexão são vistos como instrumentos de essencial fundamentação à oportunização de ações educativas. (HOFFMANN, 2009).

Neste sentido, o presente artigo está embasado nas ideias da pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, intitulada “Avaliação de aprendizagem em tempo de covid e em rede: teias de sentidos tecidas pelas professoras no município de Cordeiros”. Neste estudo buscamos

<sup>3</sup> No Brasil foi autorizado pela Anvisa a vacina Sputnik V da Rússia, a Pfizer dos EUA/Alemanha, e vacina Oxford AstraZeneca desenvolvida no Reino Unido. A vacinação começou no fim de janeiro. Até agora, segundo a plataforma de dados Our World In Data, mais de 10 milhões de doses já foram administradas. Informações atualizadas em 12 março 2021. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56024504>.

investigar os sentidos produzidos pelas (os) docentes, a partir de um ateliê em espaço virtual inspirado na experipoiética (CARDOSO, 2018) escritas e/ou orais, acerca das práticas avaliativas, realizadas frente ao tempo de pandemia Covid 19, no município de Cordeiros. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de estudo de caso, que será realizada numa determinada escola da rede pública do município de Cordeiros /BA, com a participação de seis professoras. Buscaremos trilhar por caminhos da sensibilidade, olhando o mundo com desejo de compartilhamento e criatividade.

Para este trabalho, nosso objetivo é versar sobre a necessidade de uma discussão acerca da avaliação de aprendizagem para o ensino remoto, bem como dar visibilidade ao espaço de formação Ateliê virtual experipoiético – como uma forma de aprendizagens narrativas, e como possibilidade de um terceiro espaço de experiência e formação - um trabalho de parceria escola - universidade, mediado por uma concepção orgânica e estética de formação.

### **Considerações sobre Avaliação: reflexões iniciais**

A avaliação como parte integrante do processo educativo faz parte da formação o do sujeito no mundo em que vive, e, para tanto, necessita ter uma perspectiva problematizadora. Para tanto, ela não pode continuar sendo confundida apenas com o ato de se aplicar e corrigir instrumentos avaliativos, ao final de uma etapa ou período letivo, com o único propósito de atribuir notas ou conceitos, tendo em vista a promoção, reprovação ou a certificação dos estudantes. Ou seja, não se restringe a medir o desempenho do aluno.

Apesar de todos os esforços empregados nas ações contra esta pandemia, compreendemos que este conceito de avaliação defendida por Luckesi (2011, 2017, 2020) é a ideia que defendemos.

Temos que buscar caminhos que essa concepção de avaliação permaneça nas práticas avaliativas dos ensinos remotos, pois percebemos essa crise evidenciou e lançou holofotes sobre as desigualdades, demonstrando o quanto ainda há por se fazer até que alcancemos. No entanto, de qualquer forma a educação remota ou presencial necessita pensar em que o protagonismo estudantil se evidencia como um caminho de construção e reconstrução do conhecimento culturalmente elaborado. Pois, “aprender, a rigor, supõe sempre autoria, porque só ocorre com a iniciativa do aprendiz, ou, como se diz: se o estudante não estudar, não



aprende! Pode ter as aulas todas, mas se não fizer sua parte autopoietica, tudo se perde no vento” (DEMO, 2018, p.17).

A escola, em geral, vê essa mudança com precaução, porque é muito radical. Não se valorizam mais aula e prova, nem repasse instrucionista, porque vale substancialmente a conquista da autoria estudantil, passo a passo, sob orientação/avaliação docente. O protagonismo estudantil é fundamental, não só para ocupar espaços escolares possíveis, mas especificamente para poder usar instrumentação científica adequada para sacudir a opressão. A experiência tem mostrado que, no início, o estudante escreve poucas linhas, pois nunca foi chamado a redigir (DEMO, 2018, p.19).

Como é apontado pelo autor acima, a problemática da avaliação já apontava que precisamos rever nossas concepções práticas de avaliação, como é apontado por Vieira e Ricci (2020, p.2):

A primeira destas reflexões refere-se ao fato de que quem apenas segue currículos, sem estabelecer relações diretas com seu público e com a realidade que o cerca, não entendeu o mandato educacional. Ou seja, não é prática viável apenas transpor conteúdo dos documentos curriculares, prescindindo dos pilares do que constitui o fazer docente: o planejamento, a seleção de conceitos e objetos de conhecimento, a reflexão acerca do que, a quem e para que queremos ensinar.

São essas demandas pelas quais a educação vem passando ao longo do tempo, e que nos permite discutir e rever e pensar em ideias sobre a avaliação da aprendizagem. As novas discussões teóricas o papel desempenhado pelo professor e pelo aluno, redefine a escola com uma função social e nos proporciona um olhar bem mais reflexivo quanto a avaliação escolar.

Para Cipriano Luckesi, um pesquisador referência, que estuda avaliação já há mais de duas décadas, define-nos avaliação como:

O ato de avaliar é um “ato de investigar a qualidade da realidade”, fato que implica que caberá ao gestor da ação decidir o uso que fará dos resultados desse ato investigativo. A avaliação, como ato investigativo, “revela” a qualidade da realidade; cabe ao gestor decidir como usará esse resultado (LUCKESI, 2017.)

Definimos a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo (LUCKESI, 2011, p. 172). Assim, ao avaliar, o professor adota posturas e assume um compromisso, um lugar:

Nesse lugar, nós, educadores, temos de acolher (receber o educando), nutrir (oferecer-lhe o melhor de nós mesmos, em termos de informação, procedimentos, valores, afetividade), sustentar (garantir condições para que aprenda, em termos psicológicos, tempo e atendimento) e confrontar (nem tudo está adequado; é possível mostrar outras possibilidades) o educando

para que ele possa, passo a passo, constituir-se a si mesmo e, nesse processo, tomar posse de si. (LUCKESI, 2011, p. 132).

Conforme orienta o Parecer CNE/CP nº. 11/2020 (BRASIL, 2020), para as aulas remotas, o professor precisa prosseguir com estratégias avaliativas de caráter formativo, processual e qualitativo. Para isso, recomenda que o planejamento ocorre em três frentes principais:

acolhimento; avaliações diagnósticas para identificar os níveis de aprendizagem dos estudantes e, a partir disso, estabelecer intervenções; destaca-se também atenção especial a medidas de combate à evasão, busca ativa de alunos, estratégias de recuperação da aprendizagem [...] (BRASIL, 2020, p.6).

O referido documento destaca, ainda, que professores e redes de ensino tenham um olhar cuidadoso, flexível e que valorizem os esforços de cada aluno, no sentido de não ampliar a reprovação e a evasão escolar; mas, de manter vínculos positivos e promover as aprendizagens essenciais que são possíveis para o momento, sendo, portanto, uma avaliação mediadora.

Nosso entendimento acerca de avaliação é que trata de um processo reflexivo e dialógico. Pois, avaliar é uma atividade que exige o questionamento do educador. É a reflexão transformada em ação, uma reflexão permanente do professor acerca de sua prática, e acompanhamento, passo a passo, do estudante a sua trajetória de construção do conhecimento. A investigação avaliativa, afinal, é nossa parceira a “nos avisar se nossos atos já produziram os resultados desejados ou se ainda importa investir mais, tendo em vista obter os resultados com a qualidade previamente definida” (LUCKESI, 2020, s/p.).

### **Ressonâncias sensíveis compartilhadas: espaço de experiência, formação e aprendizagens narrativas**

Diante desse novo contexto da educação, no nosso entender, outro maior desafio da atualidade, em relação à formação inicial e permanente de professores do ensino fundamental, tanto para as instituições de ensino superior quanto para as unidades escolares é de pensar, caminhos que se possa rever acerca das demandas socioculturais locais e com o entendimento que se tem sobre a formação integral do sujeito. O quanto é necessário pensar a formação do professor a partir do uso da narrativa de si como fomento de saberes e competências a serem



construídos. Isto quer dizer: buscar, nas convergências das motivações, das imagens e dos trajetos vividos, os fomentadores de práticas e de saberes futuros.

Conforme pesquisa de Cardoso (2018), dentre as discussões da atualidade sobre a formação inicial e contínua de professores e sobre a docência na educação básica, Zeichner (2010), propõe a constituição de um “terceiro espaço” – o trabalho de parceria escola-universidade, mediado por uma concepção híbrida de formação, que reúnam o conhecimento prático ao acadêmico de modos menos hierárquicos, tendo em vista a criação de novas oportunidades de aprendizagem para professores em formação. O terceiro espaço, que pode ser colocado em prática a partir de projetos colaborativos, entre a escola e a universidade, “focados na criação de práticas limítrofes e híbridas” (ZEICHNER, 2010, p. 496), por meio de projetos de experiências formativas do professor, no desenvolvimento profissional e na mudança da cultura escolar (CARDOSO, 2018).

Sob o ponto de vista do paradigma orgânico e estético (MAFFESOLI, 2005), reforça a emergência da experiência de vida como compreensão das realidades humanas, sendo a expressão da temática sensível. Por este caminho pesquisadores, como, Zeichner (2010), Nóvoa (2011), e outros, que abordam a experiência como um fenômeno da formação, reconhecendo-a de forma significativa e relacional, sobretudo, os seus sentidos (CARDOSO, 2018; 2019).

Dessa forma, acreditamos que o Ateliê virtual experipoiético, seja um dispositivo de formação com campo rico para produção de aprendizagens para o cenário sociocultural atual. Pois, apresenta características da cultura digital contemporânea, seguindo os princípios de uma obra aberta (PIMENTEL; CARVALHO, 2020), com formas de formação, potencializando novas inspirações epistemológicas. Essas formas têm sido estruturadas com base em novas linguagens, relações, formas de produção, compartilhamento, mobilidade e conectividade. Assim, abriremos um espaço de formação e de partilhas sensíveis, com voz e escrita de professores que atuam na educação básica.

Nesta experiência formativa sensível, buscamos por caminhos para que as professoras pudessem produzir suas narrativas, redescobrando o sentir, o pensar e o agir, como uma potência poética e criativa. Inspiradas na poesia experimental portuguesa (AGUIAR, 1999), criamos o termo *experipoiética* - uma junção das palavras experiência e poética, que significa uma forma experimental na qual o sujeito se autoriza a exercer a capacidade de sentir e pensar sob o olhar autopoiético. Seu sentido está embasado no conceito de *poiési* – “na ótica da estética, que concebe a arte como criação, conhecimento, ação prática e sensibilidade”

(ABBAGNANO, 2000, p. 371). Ao fruir a cultura e arte, o sujeito relaciona-se consigo e com o contexto que o cerca, neste sentido, ao entrar em contato com o que o outro faz numa relação dialética o apreciador experimenta, por meio dos seus sentidos, um diálogo com a produção humana. Em outras palavras, são narrativas construídas numa experiência vivida (metáforas, poesias ou imagens de fotografias), que potencializam as narrativas híbridas (CARDOSO, 2018).

As narrativas experipoéticas é uma forma de “aprendizagem narrativa” (GOODSON, 2007, p. 248), – um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida; e, também, uma forma de “compartilhamentos de paixões e emoções coletivas” (MAFFESOLI, 2010, p. 225), componente que diz respeito àquela dupla possibilidade da vida cotidiana. Isto é, possibilita a formação aberta e permanente para profissionais de instituições da educação básica, fase a emergência de novas atitudes, novos valores e troca de saberes, exigindo de nós habilidade para melhor compreensão dessa realidade e busca por soluções em sintonia com os problemas do nosso tempo. Essa conjuntura requer trocas, aprendizado de maneira contínua e produção de novos conhecimentos, caracterizando, assim, o trabalho na sociedade contemporânea, e de forma especial com a emergência da cibercultura. (PEREIRA, 2019; PEREIRA; CARDOSO; SANTOS, 2020).

### **Considerações Finais**

Com este texto buscamos apresentar as ideias iniciais de um estudo propositivo para compreender o que os professores compreendem acerca da própria avaliação, perguntar não apenas como fazê-la, mas, também, refletir sobre o para quê e o porquê dela. Ressaltamos os problemas que a educação vem passando, com a crise mundial do Covid 19; uma crise não só de saúde, mas de todas as dimensões política, social, cultural, principalmente, do campo educacional. É preciso pensar em caminhos para educação adapta-se, ou, parar para pensarmos e avaliarmos a educação, aprendizagem e vida, dando o devido destaque aos saberes decorrentes das experiências vividas. Neste sentido, é importante viabilizar formação pedagógica ao docente “para que ele possa disponibilizar um elenco de alternativas que possibilitem uma mediação mais prazerosa para ambos (docente e discente) com resultados mais efetivos” (D’ÁVILA, MASSA, XAVIER, 2021).



Um estudo compreensivo e propositivo a partir de uma experiência formativa das professoras (sujeitos da pesquisa), de um movimento de desconstrução e construção de sentidos, permeado de intercâmbio de olhares e escutas sensíveis das mesmas sobre a experiência vivida com o fenômeno avaliação da aprendizagem e dos acontecimentos que surgem decorrentes desta experiência. Os desafios são gigantescos devido à crise pandêmica que estamos passando, e, a formação permanente de professores também faz parte destes desafios.

## Referência

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGUIAR, F. **Os olhos que o nosso olhar não vê**. Lisboa, Editora: Associação Poesia Viva, 1999. 86p. ISBN: 972-95383-2-8. Disponível em: <http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/planograficas/fernando-aguiar-os-olhos-que-o-nosso-olhar-nao-ve>. Disponível em: 15 nov.2017.

ALVES, L. Educação Remota: entre a Ilusão e a Realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v.8, n.3, p. 348-365, 2020.

BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Ministério da Educação (MEC). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. 2020.

BRASIL. Medida Provisória 934, de 01 de abril de 2020. Governo Federal. Altera as normas que regulamentam o ano letivo em escolas e instituições de ensino de todo país. 2020.

BRASIL. Parecer 05/2020, de 28 de abril de 2020. Conselho Pleno/ Conselho Nacional de Educação. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer técnico n. 11. Brasília, DF. 07 jul. 2020. Dispõe sobre as orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da pandemia. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=148391-pcp011-20&category\\_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=148391-pcp011-20&category_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192). Pdf. Acesso em: 15 /03/2021.

CARDOSO, M. C. Catadoras do brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente. **Tese**

(doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018a. 212 f. : il.

D'ÁVILA, Cristina; MASSA, Monica; XAVIER, Antonete. Mediação Didática Lúdica no Contexto da Informática na Educação. **Informática na Educação**: Série de livros-texto da CEIE-SBC, fev/2021. Disponível em: <https://educacao.ceie-br.org/mediacao-didatica-ludica/>

DEMO, Pedro. Escolas Da Autoria – Aprendizagem Autoral Do Estudante Como Foco.

DAHER, Alessandra Ferreira Beker; ANDRADE, Estela Mara de; DAMACENO, Éverton Paulino. (Orgs.) **Pesquisa e autoria nas vozes dos professores de Mato Grosso do Sul**. [recurso eletrônico]. – 1. ed. -- Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação, 2018

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. Educação em tempos de pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar. **Revista Cocar. Edição Especial N.09/2021** p.1-19 ISSN: 2237-0315 Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4126> Disponível em: 12 mar.2021.

GOODSON, I. “Currículo, narrativa e futuro social”. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, V. 12, n. 35, maio/agosto, 2007, p. 241-252.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio, uma perspectiva construtivista**. 40. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Para quê avaliar? **Blog Luckesi- avaliação em educação**. 27 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com/2017/02/120-para-que-avaliar.html> Disponível em: 12 mar.2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Retomando sinteticamente o ato de avaliar a aprendizagem como uma investigação da qualidade do aprendido. **Blog Luckesi- avaliação em educação**. 25 de agosto de 2020. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com/2017/02/120-para-que-avaliar.html> Disponível em: 12 mar.2021.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, M. **Saturação** (1944); tradução de Ana Goldberger. — São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2010. 120 p.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018.

NÓVOA, A. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa/Portugal: EDUCA 2002.



PEREIRA, Socorro Aparecida Cabral. 2019, 208 f. **Tese (Doutorado em Educação)**. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019.

PEREIRA, S. A. C; CARDOSO, M.C; SANTOS, R.A.O. Diários Online de Docentes em Formação: memórias de infâncias brincantes na cibercultura. **Revista Educação em Foco**, v. 25, n. 1, jan. / abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/30433> Acesso em: 15/03/21

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Aprendizagem online é em rede, colaborativa: para o aluno não ficar estudando sozinho a distância. **SBC Horizontes**, jun. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/02/aprendizagem-em-rede>>. Acesso em: outubro, 2020.

SANTOS, Maria Walburga dos; CARDOSO, Marilete Calegari. Educação e infância: Pandemia, tecnologias e o distanciamento das crianças. **Revista Cocar. Edição Especial**. N.09/2021 p.1-18 - ISSN: 2237-0315. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4123> Acesso em: 15/03/21.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maike C. C. A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. **OEMESC**. Abr. 2020 Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id\\_cpmenu/7432/EDITORIAL\\_DE\\_ABRIL\\_Let\\_cia\\_Vieira\\_e\\_Maike\\_Ricci\\_final\\_15882101662453\\_7432.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL_Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf) Acesso em: 12/03/2021.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 479-504, set./dez., 2010.

#### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

##### **Daniela Gomes de Oliveira**

Pedagoga. Mestranda (em curso) do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGed/UESB), na Linha 3: Linguagem e Processos de Subjetivação, da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do **GEFORPECC** - na Linha de Pesquisa: Infância, ludicidade e Formação e Práticas na Educação Infantil. E-mail: danyfher2010@gmail.com

##### **Marilete Calegari Cardoso**

Doutora em Educação – UFBA. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e letras – DCHL, Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGed/UESB), na Linha 3: Linguagem e Processos de Subjetivação, da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do **GEFORPECC** - Coordenadora na Linha de Pesquisa: Infância, ludicidade e Formação e Práticas na Educação Infantil Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade – GEPEL/UFBA. Coordenadora do Laboratório de Educação - LABE/DCHL e Ludoteca LABRINC/ DCHL- E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br